

FILOSOFIA E EXISTÊNCIA À LUZ DOS MODOS DO ABRANGENTE SEGUNDO O PENSAMENTO DE KARL JASPERS

PHILOSOPHICAL ELEMENTS BEYOND AN ONTOLOGY ACCORDING TO THE THOUGHT OF KARL JASPERS

Bartolomeu Edgar de Lima Santana¹

Patrocínio Solon Freire²

RESUMO: Segundo Jaspers, a filosofia não pode ser reduzida aos saberes científicos, mas autônoma em relação à própria ciência. Pode-se ainda compreender como este pensador analisa a relação sujeito e objeto, denominando então de abrangente o mistério do Ser que se manifesta nessa relação não podendo ser nem sujeito e nem objeto. Isso se dará perante a nossa realidade vivida nesse mundo, que para Jaspers o que se vê dele são características próprias de suas manifestações, mas nunca o todo. Neste sentido, o método periechontológico, bem como os modos do todo-abrangente (*Das Umgreifende*) irão se distanciar de todas as ontologias, que de forma reduzida e limitada investigam o ser, mas, aclarando de forma ampla toda a sua existência.

Palavras – chave: Karl Jaspers, modos do abrangente, Sujeito-objeto, mundo, ciência.

ABSTRACT: According to Jaspers, philosophy cannot be reduced to scientific knowledge, but autonomous in relation to science itself. It is also possible to understand how this thinker analyzes the relationship between subject and object, thus calling comprehensive the mystery of the Being that manifests itself in this relationship and cannot be neither subject nor object. This will happen in the face of our reality lived in this world, which for Jaspers what we see of it are characteristics of its manifestations, but never the whole. In this sense, the periechontological method, as well as the modes of the all-encompassing (*Das Umgreifende*) will distance themselves from all ontologies, which in a reduced and limited way investigate being, but clarifying in a broad way its entire existence.

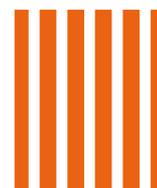
Key words: Karl Jaspers, comprehensiveness modes, Subject-object, world, science.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Karl Jaspers era médico, filósofo e foi professor em Heidelberg até 1937 quando foi expulso pelos nazistas. Chegou à filosofia partindo da medicina, concluindo que “a filosofia e a

¹Graduado em Licenciatura Plena em História pela UNIVISA, pós-graduação em História do Brasil pela UNIVISA e mestrando em Filosofia pelo programa PROF-FILO (Mestrado Profissional em Filosofia) no IFPE campus Vitória de Santo Antão. E-mail: bels1@discente.ifpe.edu.br

²Orientador, professor doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE; professor efetivo de Filosofia do IFPE. E-mail: patrofreire@ipojuca.ifpe.edu.br



ciência não são possíveis uma sem a outra [...] será nossa tarefa atual a de realizar a verdadeira unidade entre elas, depois de sua separação [...] A atitude filosófica não pode ser idêntica nem antinômica ao pensamento científico” (Reale, 2006, p. 598).

Após essas breves ponderações, cabe agora analisar tais perspectivas filosóficas a partir do pensamento de Karl Jaspers. No primeiro capítulo versaremos sobre algumas categorias que Jaspers examina como de extrema importância para o desenvolvimento filosófico. Sobre a relação sujeito-objeto ele examina que existe um elo e que não se compara coisa alguma, e que nessa cisão ele investiga o método perienchontológico que analisa o manifestar-se do abrangente (*Das Umgreifende*). O ser que nem é somente objeto e nem é apenas sujeito, mas caminha e compreende a perspectiva desse dualismo. Este Ser se revela e se compreende numa realidade locada no mundo, “o mundo é incompleto. Ele não é explicável a partir de si mesmo, mas é nele que se explica uma coisa a partir da outra até o infinito” (Jaspers, 2022, p. 92). Por fim, Jaspers investiga como a filosofia se porta diante a ciência e vice-versa, ele analisa que a filosofia é auto-suficiente em relação a ciência e que todo pesquisador deverá estar pronto para lhe dá e aceitar qualquer crítica às suas pesquisas na qual ele irá batizar esse processo de *atitude científica*.

No segundo capítulo examinaremos como Jaspers fundamenta o que intitula de todo-abrangente, bem como seus modos. Para ele a compreensão do ser não pode ser reduzida ou tomada de forma objetiva, antes, a análise do abrangente passa pelo viés do pensar filosófico. Segundo Jaspers, o ser não pode ser conhecido em si, mas se revela a nós nos modos do abrangente. A saber, são eles: ser-aí (Dasein), consciência em geral, espírito humano, mundo, existência (Existenz), transcendência e finalmente na razão abrangente.

2 PRESSUPOSTOS DE UMA POSSÍVEL FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

2.1 RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO

Partindo da perspectiva Jasperiana, é importante investigar como se dá a relação sujeito-objeto, bem como o processo dessa interação e porque é fundamental tomar esta abordagem como objeto de pesquisa dentro do pensamento de Karl Jaspers. Para compreender esta ligação é necessário que exista um ser, que nem é sujeito e nem objeto e que desde os seus primórdios esse ser que somos nós, sempre buscou investigar suas origens e sua existência. Jaspers afirma que

“Denominamo-lo o *abrangente*, conjunto de sujeito e objeto que, em si mesmo, não é sujeito, nem objeto” (Jaspers, 2011, p. 41).

Segundo a historiografia, no ocidente essa análise se deu de forma bem acentuada na antiguidade com os filósofos pré-socráticos. Dentre eles podemos citar tales de Mileto (624-546 a.C.) o qual afirmava que a água era a base de tudo, que a universalidade das coisas derivava da água, portanto, sem esse elemento a vida não seria possível e sucumbiria. Outros como Anaxímenes de Mileto (588-524 a.C.) assegurava que o ar era a matéria fundante e primordial da existência humana, para ele a totalidade das coisas existentes era composta por ar. É possível ainda citar Pitágoras de Samos (570-496 a.C.) que foi orientado pelo próprio Tales, ele afirmava que todas as coisas e o mundo geral eram formados por uma estrutura numérica, assim sendo, tudo seria gerado por números.

Contrapondo a essas afirmações ontológicas que limitavam e formalizavam a origem do ser, Karl Jaspers tomará como base filosófica o pensamento do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Para este pensador moderno, o ser humano enxerga seu meio a partir de seu contexto e circunstâncias históricas e que desta forma o fundamento e entendimento dos objetos não ficaria distante da própria análise. Podemos compreender então, que é partindo do nosso direcionar-se aos objetos pela ótica das nossas percepções sensíveis, que absorvemos seu manifestar-se, nunca o todo. Diante desse fenômeno da consciência que se revela no ato do direcionar-se ao objeto, é que ocorre essa interação singular e única do ser, este encontro que não podendo ser equiparado a qualquer outra revelação se torna elemento de superação quando contemplado. Segundo Jaspers “Trata-se de uma relação única, relação que não pode ser comparada a nenhuma outra. O *eu* implica um objeto, implica-o tanto mais distintamente, quanto mais claramente pensamos. Isso é estar desperto” (Jaspers, 2011, p. 40).

Ao refletir sobre o objeto que nos é apresentado tal como ele é, partimos para uma conexão íntima e um entendimento além do que é manifestado ao examiná-lo, portanto, seremos sempre afetados e envolvidos a partir do seu manuseio. Nessa perspectiva podemos compreender que é partindo da apreciação do sujeito em direção ao objeto que iremos obter explicações sobre o que fora revelado ou manifestado, nunca sendo a coisa em si. Pensemos em qualquer utensílio, por exemplo: mesa. A mesa não existe *per se*, a mesa é resultado da especificação humana, portanto o objeto é o que é porque foi classificado pelo sujeito, Jaspers vai indagar da seguinte forma: “Existe o objeto *per se*? Pensamo-lo como objeto que existe, apreendemo-lo tal como se oferece

a nós, produzimo-lo sob a forma de uma ideia de que a nós se impõe como correta” (Jaspers, 2011, p. 41).

Para Jaspers (1968) aquilo que não é alcançado ou atingido por essa vinculação entre sujeito-objeto é para nós algo inexistente. Com base nessa concepção, podemos refletir sobre o que é gerado através dessa relação, e que nunca alcançamos a realidade em sua totalidade, mas, o que nos é manifestado. É a partir da atividade do pensar filosófico que poderemos enxergar tal manifestação, uma vez que os objetos não existem por si mesmos. Nas palavras de Jaspers “Não há *eu* sem objeto, nem objeto sem um eu. Em outras palavras, “não há objeto sem sujeito, nem sujeito sem objeto” (Jaspers, 2011, p. 41). Desse modo, perceberemos também que o ser pode se reconhecer como objeto de investigação através de sua subjetividade e que por mais que nos esforcemos, estaremos sempre diante dessa divergência entre o sujeito e objeto. Esses objetos estarão sempre revelados a nós de forma interna ou externa uma vez que, se revelam a nossa subjetividade enquanto acepções, conceitos, significados e significações. Para Jaspers nunca estaremos isentos dessa cisão, pois “seja o nosso objeto a realidade da nossa percepção sensorial, seja a ideia de objetos ideais, por exemplo, número e figuras, seja um conteúdo fantasiado ou até mesmo a imaginação de um impossível” (Jaspers, 2022, p. 46).

Ainda nessa reflexão podemos compreender à luz do pensamento de Karl Jaspers que se existe um objeto manifestado ao sujeito que fora estabelecido, que foi gestado e meditado de forma clara e sem preconceitos. Ele sempre está em relação a outros objetos, podemos entender que, por ter sido estabelecido ou determinado, essa “determinação significa distinção entre um e outro” (Jaspers, 2022). Como consequências dessas reflexões, Karl Jaspers irá fundamentar o que ele intitula de Periechontologia, método que examina o conceito do todo abrangente (*Das Umgreifende*). Traduzindo por englobante, envolvente, abrangente ou Todo-abrangente, “Das” por sua vez, também em alemão não se remete ao masculino ou feminino, portanto, somos o abrangente. Assim sendo, o método perienchontológico se torna contrário aos métodos ontológicos, pois “Não buscamos ontologicamente um mundo de definições objetivas, mas periontologicamente o fundamento do sujeito e objeto” (Jaspers, 1968, p. 126).

A realidade abrangente sempre se anuncia simplesmente em objetos presentes e no âmbito dos horizontes, mas nunca se torna um objeto. Nunca aparecendo a nós ela mesmo, é aquilo que tudo o mais parece. É ainda aquilo por todas as

coisas não apenas são o que imediatamente parecem ser, mas permanecem transparentes (Jaspers, 1973, p. 23).

A partir dessas concepções o Ser é analisado a começar pela sua essência e não apenas como objeto condicionado a uma definição. Essa compreensão está além das lógicas ontológicas, o ser aqui não é contemplado por meio de uma integralidade que se abarca tão somente num elemento específico como afirmava os pensadores pré-socráticos. Jaspers entendia que o método periechontológico se evidencia pelo entendimento do Ser, levando em conta sua relação com o meio e condições históricas, ao qual se manifesta a si próprio e ao próprio contexto.

2. 2 MUNDO

Conquanto, pensemos no espaço onde se encontra este ser. Essa realidade temporal e instantânea que se revela e se permite ser reconhecida como algo que é perceptível e sensível, compreendemos e denominamos de mundo. Com fundamento nessa reflexão, vemos que essa interação por ser cognoscível no âmbito da razão abrangente, é apreendida pelo ser sob diversas formas. O sujeito vital dialoga com o mundo no decorrer de seus impulsos naturais e vitais, sejam também por emoções, instintos ou desejos. A consciência em geral por sua vez versa com o mundo por meio das certezas concebidas pela razão, nomeando os objetos e fenômenos, concretizando e aferindo o que é pesquisado. O mundo analisado pela ótica do Espírito é compreendido por meio dos sentidos, da criatividade, pelos artísticos.

Como realidade objetiva, mas com fissuras (Hersch, 1982) o mundo é singular em toda a sua integralidade. Não o alcançamos por inteiro, contudo, poderemos saltá-lo e contemplá-lo de maneira particular se revelando através de suas manifestações. A existência possível aqui se compreende como provisora do ser emancipador e fomentador de sua historicidade, construindo pontes para interagir com essas manifestações.

Podemos compreender também que toda visibilidade ou imagens que adotamos do mundo, serão sempre uma alegoria específica daquilo que é absorvido pela consciência. Portanto, aquilo que é abarcado de forma integral pela consciência a respeito do próprio mundo pelo ser, será sempre uma concepção errônea, pois “Cada imagem do mundo é um recorte do mundo; o mundo não se torna imagem” (Jaspers, 2022, p. 92). É errônea também a noção de que o mundo seja um

dispositivo material, estaremos sempre diante daquilo que é revelado a partir de seus aspectos peculiares, mas não se torna o fundamento do mundo quanto a sua integralidade e universalidade.

Para Jaspers (2022) o mundo é incompleto, pois o próprio mundo não obtém uma resolução ou definição a partir de si mesmo. É partindo dele, que se alcança uma resposta de um objeto a começar de outro objeto, “A imagem científica do mundo, diferente da mítica, sempre foi, ela mesma, uma nova imagem mítica do mundo com recursos científicos e de teor parco e mítico” (Jaspers, 2022, p. 92).

De agora em diante, esse indivíduo que se compreende locado num contexto histórico, depreende que o mundo é auto-suficiente e que se revela de forma livre e absoluta.

Esforça-se por explorá-lo, por conhecê-lo tal qual é, em sua objetividade. [...] o mundo é para ele o ser, justamente na medida em que não depende dele ou a ele se impõem como aos demais. Sendo assim, a objetividade é muito mais que uma exigência científica: ela possui um caráter ontológico (Hersch, 1982, p.17).

Este ser que é lançado no mundo, se encontra sempre diante de uma manifestação que é revelada no próprio mundo através daquela relação sujeito-objeto. O que de fato nos é apresentado é percebido no espaço e no tempo de forma muito sutil. Existiria, portanto, dois mundos? Um mundo apenas aparente e outro que seria o real? A esta pergunta Jaspers responde:

[...] o mundo não é aparência, mas realidade, realidade que é manifestação, fenômeno, enquanto fenomenalidade, “possibilidade de manifestar-se” (*Erscheinunghat-tigkeit*), o mundo encontra apoio na realidade, no abrangente que, de sua parte, jamais se manifesta como realidade no mundo, como objeto possível de estudo (Jaspers, 2011, p. 42).

Assim sendo, o mundo é para o ser o espaço devido de sua vivência, que experimenta a partir dele outros horizontes que se manifesta sempre na universalidade das possibilidades infinitas, em outras palavras, o mundo é o seu verdadeiro palco onde ele atua de forma única.

2. 2. 1 REALIDADE ENQUANTO HISTORICIDADE POSTA NO MUNDO

Visto que o mundo encontra apoio na realidade, analisemos, portanto, a partir do pensamento do próprio Karl Jaspers o que seria essa realidade que se impõe ao ser. Doravante,

essa realidade que nos é apresentada é gerada na impossibilidade de haver uma concepção por ser ela mesma uma percepção autêntica do que é apresentado. Segundo Jaspers:

Chamamos de realidade aquilo que vemos presente na prática, aquilo que, ao lidarmos com as coisas, com o que é vivo e com as pessoas, é resistência ou se transforma em matéria. Travamos conhecimento com a realidade no trato cotidiano, na habilidade da manufatura, na instalação técnica, ao lidarmos com pessoas conforme aprendemos, além da organização e administração metódica (Jaspers, 2022, p.90).

Desse modo, se a realidade refletida através de sua autenticidade, não se compreende dentro do âmbito daquilo que é possível e que “resiste a todo pensamento” (Jaspers, 1973) façamos então, uma segunda reflexão sobre essa realidade a contar de sua historicidade. É partindo de sua historicidade, que o ser se percebe como real e autêntico, torna-se consciente dessa autenticidade baseado na transitoriedade concebida pela própria realidade. Porém, nessa análise, não podemos reduzir esse conhecimento simplesmente pelo caminho narrado pela história, mas, é antes de tudo uma tomada de consciência sobre as raízes mais profundas da sua condição singular em que se encontra. Partindo disso, para Jaspers o ser enquanto situação inserida na historicidade é “niilidade de um punhado mínimo de poeira no seio do universo sem limites” (Jaspers, 1973, p.84). Este indivíduo, que é repleto de multiplicidades e capaz de contemplar e assimilar todo o universo, não é uma realidade acabada, pronta ou determinada, é antes um ser de possibilidades.

Por conseguinte, pensemos sobre o contexto que abarca a história humana. Esta, se compreende em volto de circunstâncias que lançam o ser sobre o momento vivido, ao passo que se percebe doravante em sua própria decadência. Ao buscar incansavelmente essa realidade que é incognoscível ao seu entendimento ele se insere na Existenz saltando sempre para além das trincheiras que envolve a existência.

Ainda nessa investigação da realidade enquanto uma possível descontinuidade, Jaspers analisa que “a realidade do mundo não se torna uma totalidade à qual o homem poderia tornar-se autêntico” (Jaspers, 1973, p. 84). Para ele, se formada como mundo ficaria sempre vencida ou arruinada. O ser enquanto revelado nessa ação de transição é real e ao mesmo tempo histórico, é pela historicidade que ganhamos consciência da autenticidade de nossa transcendência a partir do ser que somos. A partir dessa transcendência poderemos perceber que a existência ganhará sentido na sua essência histórica, Jaspers afirmará que:

[...] mas permanecerão autênticas se tomadas como indicadores dos modos da consciência histórica relativamente à realidade: satisfazer o momento; enfrentar o desafio da hora presente; realizar a função singular de cada qual; estar integralmente presente (Jaspers, 1973, p.85).

Em vista disso, só quando nos permitimos viver de forma autêntica, reconhecendo a nós mesmos como agentes determinantes de nossa própria história, e trazendo clareza aquilo que é verdadeiro é que poderemos romper com as correntes do obscurantismo, desconhecimento e da incultura. Assim, “a História deixa de ser uma prisão” (Jaspers, 2011, p. 37). Nesse sentido, a história se torna o espaço privilegiado para a atuação do ser enquanto artista que dá vida ao palco, o palco sem o artista é algo efêmero, inerte, inoperante.

De forma alguma poderemos saltá-la. É no ato de explorar suas raízes, que tomamos consciência de uma fenomenalidade temporal que nos rodeia a todo instante, se quisermos fugir dessa realidade histórica iremos cair numa não existência, “fora de nossa existência na história, não dispomos de nenhum fio de Ariadne capaz de conduzir à autenticidade. Sem história, vemo-nos privados de linguagens” (Jaspers, 2011, p. 37).

2. 3 CIÊNCIA COMO ORIENTAÇÃO NO MUNDO

Primeiramente é importante analisar, que a filosofia por si só se defronta com suas próprias limitações quando busca promover objetividades nas suas teorias. Ela esbarra e encontra-se nas fronteiras de outras disciplinas como a ciência, que segundo Jaspers, tem nas suas raízes as fontes do filosofar ou como ele chama “filosofizar”. Para ele, seria o movimento do pensamento que não conhece seu fim e não permite fixar-se em doutrinas ou conceito algum, mas é antes uma construção autêntica da consciência que o indivíduo tem de si mesmo e da sua própria historicidade, ultrapassando para além do que é objetivo.

A ciência então torna-se um meio imprescindível para o caminho da produção filosófica. Sem ela o filósofo não obtém qualquer resposta objetiva do mundo, portanto, sem o conhecimento científico o ato do filosofar corre o risco de se tornar mero devaneio. Logo, cabe averiguar que a filosofia não é de fato ciência, ela está à frente do método científico, bem como a ciência não é filosofia. Epistemologicamente falando, a ciência é uma atividade que se desenvolve

por meios de conceitos e métodos extremamente precisos e verificáveis. É a partir dessa ótica que a ciência enxerga e analisa a realidade confrontando-se sempre com suas próprias limitações no momento da pesquisa. Nessa relação filosofia-ciência, a filosofia quando clarifica a natureza e os limites da aplicação do método científico, ela ultrapassa a própria ciência levando o sujeito a perceber que existe algo a mais no que tange a sua realidade. Para Jaspers, se a filosofia tentar buscar o conhecimento semelhante ao saber científico ela ficará exposta ao irreal, deverá, portanto, aceitar que somente pela ciência é que poderemos gerar um conhecimento objetivo e factual sobre nosso contexto.

Mediante a esse pressuposto científico, Jaspers irá categorizar então os próprios limites da validade científica que é gerada pela consciência metodológica como *atitude científica*. essa atitude para ele consiste em que o pesquisador deverá estar sempre pronto a aceitar toda crítica ao que foi pesquisado, segundo Jaspers:

A clareza da nossa atitude científica somente é assegurada pela reflexão metodológica. Esta reflexão nos conduz a distinguir, de um lado, os múltiplos modos do conhecimento científico, e de outro, os métodos filosóficos de pensar. Este é um campo vasto e essencial para o estudo e reflexão. [...] Todo conhecimento no mundo refere-se a objetos particulares, é adquirido com métodos definidos a partir de pontos de vista definidos. Daí ser falso fazer de qualquer saber um saber total e dar-lhe caráter absoluto (Jaspers, 1958, p. 38).

Jaspers irá clarificar os limites da ciência da seguinte forma:

- a) O conhecimento científico não se refere a compreensão do ser, pois trata-se de conhecimento de coisas e objetos determinados. Desta forma, por meio do conhecimento filosófico da ciência é que se produzirá, “o conhecimento mais decisivo da nossa falta de conhecimento, a saber, nossa falta de conhecimento do que seja o ser em si mesmo” (Jaspers, 1973, p. 22).
- b) Como orientação no mundo o conhecimento científico torna-se objetivo no sentido de que é universal para todos, todavia, a ciência permanece incompleta pois tem sempre conhecimento particular de algum objeto posto no mundo, e assim não nos apresenta orientação naquilo que se refere a vida “não estabelece valores válidos. Portanto, não pode dirigir, liderar. Por meio de sua clareza e decisividade” (Jaspers, 1973) nos apontando a outros fundamentos conceituais da existência.
- c) Sobre seu significado próprio, Jaspers analisa que a ciência não tem capacidade alguma de responder a essa indagação. Pois, a própria ciência se depara com a inexistência de comprovações

que sejam factuais, autênticas ou verdadeiras no que tange a sua existência. Segundo Jaspers, sem a clareza filosófica a ciência perde a sua pureza verdadeira que lhe é própria, sem o auxílio filosófico a ciência não se permite compreender a si mesma, fazendo com que os próprios pesquisadores científicos a abandonem pela falta de iluminação filosófica.

3 O TODO ABRANGENTE

Como já foi mencionado anteriormente, a filosofia sempre buscou responder à pergunta sobre o que é o Ser. Vemos então desde os pré-socráticos, bem como uma série de visões como o materialismo (tudo é matéria e acontecimento da natureza), Espiritualismo (tudo é espírito), Hilozoísmo (o cosmo é uma matéria anímica viva) se debruçarem sobre essa questão. Porém, todas elas apontam para uma forma do ser, mesmo contendo algo de verdadeiro não se pode tomar tais métodos de pesquisa como única forma válida. A causa disso seria o fato de que todas estas concepções analisam o ser como objeto que é lançado no mundo, portanto, estaremos sempre diante a essa relação de sujeito-objeto, “Mas o que significa esse mistério da cisão sujeito-objeto, presente a todo instante? Aparentemente, que o Ser em sua totalidade não pode ser nem sujeito, nem objeto, mas precisa ser o ‘englobante’ que surge nessa cisão” (Jaspers, 2022, p. 46). Esse conceito da filosofia diz Jaspers, “é indispensável, uma vez que funda o sentido do pensamento filosófico propriamente dito” (Jaspers, 2022, p. 44). O englobante ou o abrangente, se torna revelado nos objetos, pois diante a consciência ele permanece escondido, todavia, ele não se converte em objeto, mas sempre se revela nessa cisão sujeito-objeto. Jaspers ainda analisa que:

A realidade abrangente sempre se anuncia simplesmente em objetos presentes e no âmbito dos horizontes, mas nunca se torna um objeto. Nunca aparecendo a nós ela mesma, é aquilo que tudo o mais aparece. É ainda aquilo porque todas as coisas não apenas são o que imediatamente parecem ser, mas permanecem transparentes (Jaspers, 1973, p. 22).

Com base nessa afirmação analisemos, portanto, como a realidade abrangente pode ser investigada, para uma compreensão mais clara será necessária a conversão dessa realidade em algo objetivo.

3. 1 OS MODOS DO ABRANGENTE

Visto que todas as ações que realizamos implicam num sujeito e um objeto e que o Todo-abrangente é manifestação do ser mediante essa relação, investiguemos como se dá os modos dessa realidade a partir da seguinte lógica: No lado subjetivo se manifestam os modos Sujeito vital ou *Dasein*, Consciência em geral, Espírito humano, existência possível (*Existenz*). Nos modos objetivos teremos, mundo e transcendência.

Sujeito Vital. Entendido como sujeito vital, compreende-se como ser posto numa realidade empírica onde a perceptibilidade se dá de forma mais instantânea, que é lançado ao mundo e a partir da própria imanência vive como algo meramente objetivo sentindo tudo aquilo que é concreto. O sujeito vital enquanto finito e temporal compõe apenas uma parte da realidade das coisas, é o ser-aí lançado no mundo, é um indivíduo que vive de forma habitual, vulgar. Enquanto Sujeito, consegue clarificar a si próprio apenas pela vida, que vive e morre porque está ligado ao seu corpo, é ainda o que se coloca na contramão da liberdade e existência. Segundo Jaspers o sujeito Vital não é apenas vida, há algo que o impulsiona para além dele mesmo, é preciso então partir para o entendimento da *consciência em geral*, onde vai explicando o que vos é manifestado ao passo que segue superando suas incertezas.

Consciência em geral. Como consciência que é habitual a todos, ela comunica aquilo que se apresenta de forma concreta, bem como traz as certezas empíricas e racionais, validando de forma universal determinados conhecimentos. Portanto, “A consciência em geral distingue-se da consciência do ser-aí por não ser uma mera percepção da vida, mas um direcionar-se intencionalmente ao objeto, podendo ela mesma ser um objeto” (Röhr, 2003, p. 4). Mesmo que o ser não disponha de todos os conhecimentos, mas todos se enlaçam nela, os mais comuns a se manifestarem são os conceitos científicos, matemáticos e lógicos, porém, sem o sujeito vital a consciência geral torna-se vazia, de fato ela necessita das outras abordagens do Todo abrangente.

Espírito humano. Como parte do todo abrangente, o espírito relaciona-se como a realidade através da arte, ciência, filosofia. Nesse modo desenvolve-se as ideias, imaginações e fantasias, diferente da consciência geral “O espírito humano é o movimento que desenvolve, encontra novas formas de pensamento sobre a realidade. É a capacidade humana de compreensão. Com o espírito humano entramos no mundo dos sentidos, buscamos apenas compreender o que não podemos saber”

(Freire, 2014, p. 96). Porquanto, vai interagindo com o mundo, explicando-o e buscando um sentido em tudo o que realiza, seja na cultura, na arte, nas realizações sociais.

Mundo. Neste modo é importante fazermos uma ressalva, os outros modos citados anteriormente (Sujeito vital, Consciência em geral e Espírito humano) completam o lado subjetivo do todo abrangente. Ele enquanto todo abrangente é o ser em si mesmo, partindo disso, o mundo pode ser compreendido como uma realidade sensível e imediata ao ser, encontra-se na imanência, pois além de ser uma realidade sensível, é material e compreensível. Nunca o veremos como ele é de fato, nossa experiência em relação a ele será sempre limitada. Assim sendo, “O mundo é a construção que nós fazemos dele. É o modo do todo-abrangente. Por dentro desse modo a gente pode se movimentar” (Freire, 2014, p. 96).

Existência possível (Existenz). A existência se distingue do ser-aí, se encontra no modo subjetivo do abrangente e fala de conceitos transcendententes que se encontram no interior do próprio ser. Se ficar reduzida apenas na perspectiva do Dasein, a existência se limitará a realização do estar-aí e aquilo que poderá conhecer. Partindo dessa concepção, a existência possível é concebida pelo ser-sujeito que se compreende como ser autêntico e pessoal, dando sentido e esperança ao que pode ser.

A existenz é o momento que livremente me comprometo com uma decisão. Uma decisão mesma é aquela que não se modifica todos os dias. A existência é liberdade de modo inapreensível. Como verdade mesma ela é infinita. É tarefa não para se cumprir num tempo, mas dela mesma que é infinita (Freire, 2014, p. 98).

Transcendência. Mesmo percebendo que a existência possível (Existenz) seja mais que o Dasein, ela não si satisfaz e nem o próprio fim em si mesma. Enquanto finita, a existência está sempre abaixo da transcendência, por sua vez, ela mesmo está para além das insuficiências temporais do ser confrontando o próprio Dasein. Na perspectiva de Jaspers, a transcendência não é um produto para se experimentar, nem um conceito que se conhece, mas apenas se pode acreditar, pelo fato de reconhecê-la como tal. Como parte do todo-abrangente, ela é reconhecida como ser-em-si e está o tempo todo provocando o sujeito que, no que lhe diz respeito, transcende o a si mesmo como ser-aí e a sua realidade. Podemos compreender que Jaspers define a transcendência a partir de maneiras: o transcender formal, o transcender enquanto relações existenciais e a leitura das cifras da transcendência. É *formal* no sentido mais religioso e palpável

que poderemos compreender, seja ela com rituais ou até mesmo com atos. É reconhecida também nas *relações existências* pois, a partir das nossas próprias limitações é que poderemos optar por decisões autênticas e verdadeiras. E por fim, poderemos lê-la através do que segundo Karl Jaspers chama de *Cifras da transcendência*. Essa leitura é uma busca interior e libertadora, é um combate interno do ser com o seu eu com a sua interioridade mais profunda.

Razão abrangente. Partindo da perspectiva de Jaspers, a razão abrangente diferencia-se do raciocínio comunal enquanto entendimento acabado, pois não se limita ao conhecimento do ser, ampliando-se para tudo o que lhe compete enquanto investigação do indivíduo. Neste sentido, “a razão abrangente é a tendência em direção à união das coisas. É o vínculo que se faz realidade no tempo. O laço que une todas as maneiras do abrangente. É a instância ponderadora, gerando elos em todos os modos do abrangente” (Freire, 2014, p. 98).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Karl Jaspers é notório a forma como ele investiga o ser, o indivíduo deve, portanto, ser analisado em toda a sua amplitude. Isso se dá a partir da relação sujeito-objeto, que se realiza numa realidade posta no mundo. O ser nunca absorve o todo das coisas, mas, o seu manifestar. Para ele, essa relação é o princípio do entendimento e compreensão do ser, pois é nessa cisão que surge a reflexão de mundo, bem como, a tomada de consciência dos fenômenos que a nós se apresentam. De fato, só temos alcance às coisas como são reveladas a nós, e não como elas são.

Partindo dessa relação, observamos também que para Jaspers a ciência é de total relevância para a construção da pesquisa filosófica, pois sem ela, as reflexões filosóficas se tornariam apenas uma realidade quimérica. Por conseguinte, ele investiga como se dá a legitimidade científica partindo da averiguação gerada pelo método do que ele denomina de *atitude científica*. Jaspers ainda afirma que, quando a filosofia torna clara a natureza das pesquisas as quais a ciência se debruça, o indivíduo compreende que existe um horizonte que salta e se revela de forma mais vasta.

Desse modo, Jaspers constitui o que batiza de periechontologia: o conceito do todo-abrangente. Enquanto os métodos ontológicos analisam o ser de forma particular, o método do abrangente abarca-o na sua amplitude. A periechontologia não busca delimitar o ser, mas de que forma o compreender. Adotando o pensamento de Kant, Jaspers afirma que não temos acesso ao

ser em si, conseqüentemente, ele nos indica os modos do abrangente como caminho para entendimento do ser.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Patrocínio Solon. **Educação e integralidade: O conceito de integralidade no pensamento pedagógico de Edgar Morin, Paulo Freire e Leonardo Boff.** Recife: o autor, 2014. 384 f.; 30 cm.

HERSCH, J. **Karl Jaspers.** Trad. de Luis Guerreiro P. Cascais. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

JASPERS, Karl. **Caminhos para a sabedoria: uma introdução à vida filosófica.** Trad. de Cláudia Dornbusch. Petrópolis, RJ: vozes. Goiânia, GO: Vida integral, 2022.

JASPERS, Karl. **Razão e anti-razão em nosso tempo.** Trad. de Alvaro Vieira Pinto. Rio de Janeiro, RJ: ISEB, 1958.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico.** Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo, SP: Cultrix, 2011.

JASPERS, Karl. **La Fe Filosófica ante La Revelación.** Madri: Gredos, 1968.

REALE, Gilvanni. DÁRIO, Antiseri. **História da filosofia, 6: de Nietzsche a Escola de Frankfurt.** Trad. de Ivo Storniolo. – São Paulo: Paulus, 2006.

RÖHR, F. **Transcendência e Educação no Pensamento de Karl Jaspers.** Anais do XVI EPENN, CD-ROM, p. 1-15, 2003.

